

INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

LUDMYLA NASCIMENTO DA SILVA

**O MUSEU DA PESSOA E SEU ACERVO DE HISTÓRIAS: DESAFIOS E
POTENCIALIDADES NA PRESERVAÇÃO DE MEMÓRIAS DE VIDA**

NITERÓI
2020

LUDMYLA NASCIMENTO DA SILVA

**O MUSEU DA PESSOA E SEU ACERVO DE HISTÓRIAS: DESAFIOS E
POTENCIALIDADES NA PRESERVAÇÃO DE MEMÓRIAS DE VIDA**

Trabalho de conclusão de curso como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Produção Cultural pela Universidade Federal Fluminense sob a orientação da Prof. Dr. Wallace de Deus Barbosa.

NITERÓI
2020

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

silva
silva, tudelya nascimento da
O Museu da pessoa e seu acervo de histórias: desafios e
potencialidades na preservação de memórias de vida. /
tudelya nascimento da silva ; wallace de Deus Barbosa,
orientador. Niterói, 2020.
48 p. ; il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção
Cultural)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e
Comunicação Social, Niterói, 2020.

I. memória social. II. Museologia social. III. Museus virtuais.
4. Produção intelectual. I. Barbosa, Wallace de Deus,
orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de
Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDU -



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO
CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao décimo quarto dia do mês de Dezembro de 2020, às quatorze horas, realizou-se de forma remota (online), excepcionalmente, em conformidade com a Decisão Nº. 100/2020 de 21/05/2020, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense, a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado “**O Museu da Pessoa e seu acervo de histórias: Desafios e potencialidades na preservação de memórias de vida.**”, apresentado por **Ludmyla Nascimento da Silva**, matrícula 214033089, sob orientação do(a) Prof(a). Dr. Wallace de Deus Barbosa.

A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): Dr. Wallace de Deus Barbosa

2º Membro: Drª. Neide Aparecida Marinho

3º Membro: Dr. Luiz Guilherme de Barros Falcão Vergara

4º Membro: Bac. Sofia Barreto Souza

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública.

O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição:

10,0

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

Presidente da Banca

LUDMYLA NASCIMENTO DA SILVA

**O MUSEU DA PESSOA E SEU ACERVO DE HISTÓRIAS: DESAFIOS E
POTENCIALIDADES NA PRESERVAÇÃO DE MEMÓRIAS DE VIDA**

Trabalho de conclusão de curso como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Produção Cultural pela Universidade Federal Fluminense sob a orientação da Prof. Dr. Wallace de Deus Barbosa.

Aprovada em 14 de Dezembro de 2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wallace de Deus Barbosa (Orientador) - UFF

Prof. Dr. Luiz Guilherme De Barros Falcão Vergara - UFF

Prof^a. Dr^a. Neide Aparecida Marinho - UFF

Sofia Barreto Souza – PPCULT- UFF

NITERÓI
2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, à minha mãe Terezinha Nascimento e minha irmã Luanny Nascimento, pelo apoio e companheirismo e por acreditar em mim. Aos meus avós Iracema Nascimento e Manoel Bispo da Silva, que foram os contadores de histórias da minha família e que sempre me inspiram.

À Júlia Barros, Bruna Rodrigues e Camila Rodrigues minhas colegas, que estudaram e fizeram projetos comigo. À Andressa Cericato e Léo Arrighi pelo grande apoio nesta reta final. A 33 Produções e o coletivo Corpos no Mundo que trouxeram uma nova perspectiva e tive a oportunidade de aprender mais sobre produção. E em especial ao Willian Silva que foi a primeira pessoa a abordar sobre este museu virtual.

Agradecer à banca Sofia Barreto pela monitoria e orientações, aos queridos professores Luiz Vergara e Neide Marinho tanto pelo aprendizado em sala, mas também pela disponibilidade em participar da minha banca. E por fim, ao meu orientador Wallace de Deus Barbosa, pelos seus ensinamentos, me dar apoio, fazer acreditar que conseguiria realizar essa monografia e me guiar pelo melhor caminho.

RESUMO

Considerando o Museu da Pessoa um museu virtual criado em 1991, passando pela compreensão e entendimento dos museus em ambientes virtuais. Esta pesquisa pretende analisar as ações museológicas deste museu, abordando os desafios e as potencialidades que este encontrou para registrar, salvaguardar e divulgar as histórias de vida. As ações museológicas deste museu são compreendidas no ambiente virtual e físico. Possui uma constituição com caráter misto no qual são desenvolvidos os conceitos de memória, museologia e virtualidade.

Palavras-chave: Memória social, Museologia Social, , Museu virtual, internet.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Plataforma virtual do Museu da Pessoa.	14
Figura 2 Antiga plataforma. Atualmente acervo do Museu da Pessoa.....	15
Figura 3 - Exposição Vidas Negras: O que o seu retrato quer de mim?.....	27
Figura 4 – Exposição Histórias para inspirar tempos difíceis.	27
Figura - 5 Figura do Acervo na plataforma do Museu da Pessoa	28
Figura - 6 Tabela demonstrativa das fases do Museu da Pessoa	28
Figura - 7 O programa disponível Conte sua História na plataforma do Museu da Pessoa. ...	35
Figura - 8 O estúdio na sede administrativa do Museu da Pessoa.....	35
Figura - 9 O acervo na reserva técnica do Museu da Pessoa.....	37
Figura 10 - Os dados do acervo Museu da Pessoa.	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1. O MUSEU DA PESSOA E SEU PAPEL SOCIAL.....	08
2. AS AÇÕES MUSEOLÓGICAS DO MUSEU DA PESSOA.....	18
2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE MEMÓRIA E MUSEOLOGIA.....	18
2.2 MUSEU DA PESSOA E VIRTUALIDADE.....	25
3. OS PROGRAMAS DO MUSEU DA PESSOA.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
ANEXO.....	43

INTRODUÇÃO

O encadeamento de ideias que me trouxe a abordar o *Museu da Pessoa* na monografia, surgiu a partir das primeiras conversas e posteriormente pesquisas realizadas por um coletivo de alunos do curso de Produção Cultural da UFF - Universidade Federal Fluminense, de Niterói. A partir das primeiras pesquisas realizadas ainda no período de 2017.2 para o projeto que atualmente tornou se a Instalação Corpos no Mundo, o *Museu da Pessoa* era uma de nossas referências.

Ainda no ano de 2017 no mês de dezembro além de já ter visitado a plataforma virtual do museu tive a oportunidade de conhecer a exposição *Quem sou eu?* que foi realizada no SESC da Vila Mariana em São Paulo. No qual eu obtive a oportunidade de ter uma visão de um museu totalmente diferente dos demais. O trabalho desenvolvido pelo *Museu da Pessoa* sua trajetória já possui quase 30 anos e tem destaque no caráter social, visto que seu acervo é formado por histórias de vida narradas na sua grande maioria por indivíduos que aceitaram contar sua história de forma participativa. Queria compreender sobre a constituição deste museu que possuía como característica ações museológicas em ambiente virtual e físico. E após pesquisar sobre o museu e realizado as visitas foi então escolhido para o estudo.

As primeiras questões suscitadas eram tentativas de compreender como este “museu virtual e colaborativo” criou formas de salvaguardar o seu acervo no decorrer do seu desenvolvimento. A tendência que o museu teve em adoção de acervo com obras de caráter imaterial e os métodos para o registro dessas memórias de vida. Além de como são desenvolvidos os projetos de memória com o público. A partir dessas respectivas começou-se um processo mais aprofundado sobre o museu.

Percebi o diferencial de um museu como este e a partir disso direcionei os estudos e informações encontradas sobre o museu além de trazer a carga de conhecimentos e discussões e reflexões trazidas da área de Produção Cultural. Esta pesquisa teve como base teórica as reflexões pautadas por Maurice Halbwachs e Pollak sobre os aspectos relacionados aos conceitos de memória e identidade, além de compreender mais profundamente as Declarações e uma visão mais ampla do papel social do museu.

Como metodologia de pesquisa este trabalho contou com diversas formas de abordagens. Além da investigação da literatura sobre o tema, uma netnografia realizada a partir das diversas visitas a plataforma e foi feita também uma pesquisa de campo, quando visitei pela primeira vez a exposição e uma visita de campo realizada a sede administrativa.

No primeiro capítulo realizo uma breve apresentação do *Museu da Pessoa* e uma introdução dos temas que serão trabalhados no decorrer dos outros capítulos. Sendo eles, a contextualização do papel social do museu e sobre o movimento da *Nova Museologia*.

No segundo capítulo dividido os temas sobre as ações museológicas do *Museu da Pessoa*, primeiramente com os conceitos sobre memória, aspectos sobre o colecionismo e sobre o movimento da museologia e depois adentro nas especificidades do museu da pessoa e a virtualidade.

O terceiro capítulo centralizo nas ações virtuais e físicas exercidas com o *Museu da Pessoa*, contextualizo os programas que são desenvolvidos a partir da metodologia que foi criada e é aplicada a *Tecnologia Social da Memória* pelo museu. As informações contidas neste capítulo são através das informações coletadas na plataforma, no plano museológico e a partir das entrevistas realizadas.

1. O MUSEU DA PESSOA E SEU PAPEL SOCIAL

O *Museu da Pessoa* é um *museu virtual e colaborativo* criado em 1991, pela historiadora Karen Worcman¹ em São Paulo, uma organização da sociedade civil de interesse público sem fins lucrativos. Em seu desenvolvimento, o museu voltou-se para três âmbitos principais: registro, preservação e difusão de histórias de vida.

As histórias de vida que compõem seu acervo têm um caráter colaborativo e multimídia, são constituídas por áudios, depoimentos transcritos, fotografias e registro em formato audiovisual. Estes possuem a possibilidade de serem captados de três formas: em seu próprio estúdio a partir de entrevista mediada, enviados digitalmente para o museu ou a partir do *Museu que Anda*², iniciativa desenvolvida pelo museu que realiza expedições e gabinetes itinerantes. Do qual compõem projetos e programas que serão desenvolvidos posteriormente.

O *Museu da Pessoa* possui uma sede administrativa, mas grande parte de sua predominância é virtual. Segundo o *Guia Brasileiro de Museus*³, trata-se de um museu classificado como misto (presencial e virtual). Dentre eles uma área educativa que desenvolve metodologias próprias, uma destas é a *Tecnologia Social da Memória*⁴. A atuação destes programas é desenvolvida com educadores, alunos de escolas (públicas e privadas), pesquisadores e na verdade se dirige para todos aqueles que tenham interesse em trabalhar com histórias de vida.

A priori, quando se aborda sobre museu e o seu papel, torna-se necessário retornar à definição apresentada pela ICOM, a fim de contextualizá-la:

A definição profissional de museu mais conhecida atualmente continua sendo a que se encontra nos estatutos do Conselho Internacional de Museus (ICOM, de 2007), “o museu é uma instituição permanentemente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo e deleite. (ICOM, 2014 p. 34)

¹ Doutoranda (USP), mestre em Linguística pela UFRJ e graduada em História pela UFF. Fundadora e Diretora do Museu da Pessoa.

² Uma das dinâmicas desenvolvidas pelo Museu da Pessoa para a aquisição de acervo.

³ Disponível em: <https://www.museus.gov.br/guia-dos-museus-brasileiros-3/>. Acessado dia 10/08/2020.

⁴ Tecnologia desenvolvida pelo próprio museu para o registro de memórias.

As instituições museológicas sofreram grandes transformações ao longo do tempo, fazendo com que fosse repensado o papel do museu. Tanto quanto à forma que se davam as relações com o seu patrimônio, com a memória, poder e seu público, surgindo assim novas dinâmicas.

Anteriormente a esta definição estabelecida sobre o conceito de museu, mais precisamente em suas origens, carregava-se uma visão de distanciamento e um certo ar de poder canônico. Não havia muito o diálogo e as pessoas que frequentavam não eram definitivamente das classes mais populares.

No entanto, é preciso antes de qualquer coisa compreender como foi a origem do processo e como se deu a instituição desses espaços museológicos. Espaços estes que se construíram a partir das práticas sociais impostas por sujeitos que protagonizam um sistema de poder.

Além disso, possuíam um caráter extremamente seletivo dentro de suas interações, sobretudo, existiu uma politização das memórias e do que queria ser retratado como realidade. Portanto representativo e o que naquele momento poderia não estar no lugar de ser reverenciado, fadado assim ao esquecimento.

Como esclarece Mário Chagas,

“A Revolução francesa institui marcos de memória (datas, heróis e monumentos) articulados com um novo conceito de nação. A comemoração destes novos marcos está inserida no projeto revolucionário. As festas não são apenas festas, são também lembranças da Revolução vitoriosa. A memória que foi o dispositivo detonador novo agora é utilizada para recordar, para comemorar, para garantir a ordem inaugurada (no passado). Utilizada para opor-se a antiga classe dominante, a memória agora é usada pela burguesia e vai penetrar com ou sem sutileza nas escolas, nos museus, nas bibliotecas, nos arquivos, na produção artística, religiosa, filosófica e científica.” (CHAGAS, 2002, p. 47)

Durante séculos os museus estariam assim associados a uma produção artística que considerava como valor a cultura destas elites. Logo, a relação sobre suas obras seriam também uma escolha desta classe, um reflexo. Tais museus teriam por objetivo o colecionismo de obras de forma repositória e partiam de uma perspectiva eurocentrista. Como

resultado, privilegiava-se através dos museus a formação de uma identidade de reafirmação de nação e de criação de memórias instituídas.

Ainda sobre o olhar de Chagas,

“O poder em exercício amplia a sua rede de relações, produz novos sentidos, estabelece linhas de pensamento, determina o que deve ser conhecido, multiplica as instituições de memória (e de esquecimento) atribuindo-lhes um papel de fonte de saber, de “luz” e de “esclarecimento”. (CHAGAS, 2002, p. 47)

No entanto, é preciso destacar que estes museus, por questões de sua própria origem, são considerados como lugares de memórias, justamente porque se pensou as instituições museológicas como espaços de preservação. Ainda que intrincados com a concepção de poder na memória das pessoas, mas trabalhando e ampliando o conceito de patrimônio.

A própria concepção de patrimônio, como foi dito anteriormente, teve seu conceito ressignificado, devido ao fruto destas novas dinâmicas que refletiam o processo museológico. Surgia uma visão de uma museologia mais participativa, na qual o público poderia ter um contato mais próximo, esta mudança aconteceria a partir da *Nova Museologia*.

Nas palavras de Veiga,

A Mesa-Redonda de Santiago do Chile (ICOM, 1972) documento referência desse movimento, vai delinear uma nova terminologia - o museu integral. Advogaram por uma mudança na instituição, reflexo das discussões que tomaram curso a redor do mundo. A semente plantada em 1972 culminou no lançamento dos princípios de base para outra leitura museal, verificados na Declaração de Quebec (ICOM, 1984). A essa nova concepção, contraposta à visão tradicional, cunhou-se o nome de Nova Museologia, movimento que afirma a função social do museu e o caráter engloba de suas intervenções. O ato mais decisivo para a consolidação desta nova mentalidade talvez seja a fundação do MINOM-ICOM (International Movement for a New Museology – 1985), Portugal. Posteriormente, no Brasil, vale ressaltar a criação, em 2004, da ABREMC (Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários). Baseada na experiência dos ecomuseus (museus emanados da comunidade, referenciados no entorno natural e social) e dos museus comunitários, a Nova Museologia procura ser uma museologia ativa, em contraposição a museologia distanciada e passiva de antigamente. (VEIGA, 2014, p. 28)

A *Nova Museologia* defende então uma percepção inédita sobre o papel social dos museus, criticando um modelo anterior inadequado quanto as questões socioculturais presentes naquele momento. Além disso, confrontavam-se visões acerca dos conceitos e suas funções dentro da museologia; questões que eram influenciadas pelo contexto que estava sendo imposto na época.

A fim de romper cada vez mais esse distanciamento ao comunicarem-se com o público, tinham como novo objetivo serem instituições que propõem um espaço de transformações e questionamentos mais atentos as dinâmicas que atravessam a sociedade. Podemos perceber assim que através desses processos de discussão sobre seus conceitos e práticas, o campo museal também passava por um movimento de reflexões assim como qualquer outro campo de saber.

A partir de um processo contínuo dos avanços tecnológicos e dos meios de comunicação, os museus vieram sofrendo grandes transformações e produzindo novas interações, assim como novas formas de ser e estar no mundo. As interatividades que seriam permitidas a partir de então, se transformara em um novo espaço.

No decorrer dos anos 90 com a evolução da internet e a democratização do acesso, que aconteciam de forma gradual, eram apresentados desafios e novas possibilidades a sociedade. Toda a propagação de informações neste ambiente se deu de forma não linear, pois, os usuários através dos links conseguem criar seus próprios trajetos, sua própria autonomia em busca de informações. Abrindo assim, ao que tudo parecia ser, novas portas de um democrático conhecimento através das redes.

Ainda que não tenha acontecido de forma acessível para toda a sociedade e com qualidade de conexão eficaz. Ao compararmos com outros grandes avanços, outras criações, pode-se considerar que os avanços das tecnologias e dos meios de comunicação progrediram em grande escala ao surgir uma convergência de mídias. Além da internet se conectar com outros meios de comunicação, como por exemplo, o uso em dispositivos móveis.

Possibilitou também a proximidade através do ambiente virtual, conectando pessoas geograficamente distantes, criando canais de informação e entretenimento, fazendo surgir distintas plataformas de redes sociais ao longo dos anos. As instituições museológicas tinham então a possibilidade de dar novos passos com o desenvolvimento da internet, criando uma nova mediação com o público.

Em virtude desses novos desdobramentos, surgem também os museus virtuais. A fim de definir o conceito de museu virtual, Rosali Henriques descreve sobre,

O museu virtual é um espaço virtual de mediação e de relação do patrimônio com os utilizadores. É um museu paralelo e complementar que privilegia a comunicação como forma de envolver e dar a conhecer determinado patrimônio. No nosso entendimento, só pode ser considerado museu virtual, aquele que tem suas ações museológicas, ou parte delas trabalhadas num espaço virtual. (Henriques, 2004, p. 11)

Os museus virtuais surgem então de forma gradual e nem todas as instituições museológicas possuem as mesmas condições e estruturas, nem o mesmo nível de suporte. Ou até quando estes possuem, não são todos que têm uma perspectiva para utilizar-se destes novos meios e com as potencialidades que estes podem oferecer.

Além disso, os museus virtuais nascem em um território que permitem o seu desenvolvimento de forma crescente e até mesmo permite que estes criem conversas com outros projetos museológicos, florescendo neste ambiente virtual com novas dinâmicas. Como o conceito de museu virtual vai se redefinindo a partir das práticas e experiências concretas, surgem novas formas, tanto de museus virtuais com correspondente no físico (composição mista) e o museu virtual em si.

Novamente como observa Rosali Henriques,

A Internet possibilitou transformar átomos em bits. Ou seja, matéria palpável em código binário. Neste sentido, os museus passam a trabalhar com referências patrimoniais digitais na Internet. E, portanto, passíveis de serem trabalhadas de várias formas. Além disso, a internet possibilitou aos museus interagir de forma globalizada, alterando a noção de tempo e espaço. Ou seja, o museu na Internet nunca fecha. (HENRIQUES, 2004 p. 11)

A internet possibilitou lidar com outras formas em relação à salvaguarda do seu patrimônio e agora permite interações em uma nova plataforma. Seus acervos tornam-se sujeitos de serem trabalhados sob outras perspectivas e possibilitam novas mediações com o público.

O *Museu da Pessoa*, por este ser um museu virtual e trabalhar com histórias de vida, encontrou um caminho próspero para o seu desenvolvimento. Atualmente sua plataforma está em transição, sendo dividida em dois domínios, a antiga plataforma segue agora denominada de acervo do museu, mas continua com a mesma interface e onde de fato se encontra todo o seu acervo. Futuramente tais dados serão transferidos para sua plataforma mais nova e atualizada.

Segundo as informações contidas nesta nova plataforma, o *Museu da Pessoa* conta com mais de dezoito mil histórias, um acervo de mais de sessenta mil de fotos e documentos. Além disso, foram produzidos mais de cem projetos de exposições físicas e virtuais ao longo de toda a sua trajetória.⁵

A criadora do *Museu da Pessoa* Karen Worcman pontua,

Com a missão de transformar as narrativas em fonte de conhecimento, compreensão e conexão entre pessoas, foi desde o seu início concebido para ser um museu virtual de histórias de vida. A ideia de democratização da memória passa por entender que cada pessoa ou cada comunidade pode ser também “autora” e “curadora” daquilo que entendemos como sendo o patrimônio de nossa sociedade. (WORCMAN, 2017 p. 2)

A sua preocupação não está em abordar apenas as histórias de pessoas famosas. O que se torna realmente importante é o trabalho realizado a partir da memória social. Suas histórias passam a ser musealizadas e o interesse está em justamente compartilhar a história de toda e qualquer pessoa. Também conseguem permitir aos visitantes serem colaboradores, o que aumentará continuamente o seu acervo.

Todas as pessoas que têm as suas histórias compartilhadas, como são sujeitos inseridos dentro de vários recortes, podem ser interpretados em várias camadas e diferentes contextos que podem ser feitos a partir das histórias contadas e as várias direções que elas podem apontar. Sejam os recortes referentes à sua região, cidade ou país e no qual também atravessaram questões políticas e econômicas. Desta maneira é necessário sempre ser refletir considerando esses aspectos relacionados.

⁵ Informações encontradas na nova plataforma. Disponível em: <https://museudapessoa.org/sobre-o-museu/>

Um espaço como este museu virtual demonstra a relevância das histórias individuais e ao mesmo tempo influenciam com conhecimentos e novas perspectivas sobre a vida. Não só emponderam aqueles que narram as suas próprias histórias, como aqueles que também possuem acesso às mesmas e possibilita que estes reflitam também sobre suas identidades.

Algumas das histórias disponibilizadas e que podem ser exploradas pelos visitantes, são capazes de ser desafiadoras e também sensíveis. Permitem a compreensão das lutas, os tipos de dificuldades encontradas e suportadas para alcançar progressos sociais, individuais e coletivos.

É relevante dizer que as obras até então, não foram propostas como um acervo que apenas serve de documentação para complementar pesquisas acadêmicas ou compor outras obras. Na verdade, o seu rico acervo permite mesmo que estes possam servir para os devidos fins. Abrindo a novos acessos, realiza a difusão das coleções para que todos possam realizar suas próprias pesquisas, desenvolver projetos, produzir conteúdo, selecionar as histórias e desenvolver suas próprias coleções.

O acesso a todas as mídias do museu, agora se encontra disponível, mas de forma compartimentada, pois a plataforma passa por uma transição de dados. No entanto, ainda consegue permitir que o visitante conheça todas as coleções disponibilizadas de forma integral, pois há o redirecionamento de uma plataforma a outra, o que permite que se tenha acesso a um amplo conhecimento do museu.

Figura 1 Plataforma virtual do Museu da Pessoa.



Fonte: Nova plataforma do Museu da Pessoa. Disponível em : <https://museudapessoa.org/>
Acesso em: 02/10/2020.

Figura 2 Antiga plataforma. Atualmente acervo do Museu da Pessoa



Fonte: Antiga plataforma do Museu da Pessoa. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/>. Acesso em: 02/10/2020.

Ainda na plataforma antiga é possível acessar as coleções que estão disponíveis, são estas: *Memória dos Brasileiros*, *Quem sou eu?*, *Casa Kinross Paracatu*, *Memórias do Comércio*, *Espaços de Memória e Cultura-Pesquisa*. Bem como dito anteriormente, oferece aos visitantes que realizem sua própria curadoria e criem suas próprias coleções.

Na nova plataforma do *Museu da Pessoa* há o destaque para as novas exposições em cartaz, além de todo o site ter ganhado uma nova roupagem, sua interface se apresenta de forma interativa. Atualmente também se encontram em cartaz na plataforma novas exposições e uma mostra audiovisual. No lado direito da tela são apresentados todos os links com as demais informações e que direcionam para outros acessos dentro da plataforma.

Sobre a programação que está em exposição em 2020, são estas: *Exposição Vidas Negras* realizadas pelo curador Diógenes Moura⁶ a partir de quatro episódios com a história de famílias e pessoas negras que compõem o acervo do museu. A exposição *Pessoas & Cidades - Histórias em movimento*, uma parceria com a 99 (Empresa e aplicativo de transporte individual) que traz histórias, tanto de motoristas como de usuários do aplicativo. E a *Mostra audiovisual Entre(vivências) Negras* que conta com o apoio do Instituto Geledés⁷ onde

⁶ Diógenes Moura é escritor, curador de fotografia, editor e roteirista. Premiado no Brasil e no exterior, mora em São Paulo desde 1989.

⁷ Geledés - Instituto da Mulher Negra - ONG de feminismo negro com campanhas e ações contra o racismo.

reuniu produtores audiovisuais negros e realizou produções inéditas a partir do acervo do museu.

No lado esquerdo são apresentados os links *Sobre o Museu* e uma breve apresentação sobre ele. São disponíveis boxes que informam as ações desenvolvidas: *Conte sua história*, no qual o visitante pode realizar o seu próprio registro, *Preservação e Disseminação do Acervo*, *Exposições*, *Publicações*, *Projetos Temáticos* que são as pesquisas temáticas baseadas na metodologia do museu, os *Projetos educativos*, *Memória Organizacional* que são os projetos em parceria com outras instituições, *Desenvolvimento Comunitário* que aborda sobre os projetos desenvolvidos com a *Tecnologia Social da Memória*, método desenvolvido pelo museu. Além do calendário com as próximas exposições, a *Programação*, *Explore o arquivo* que direciona para a antiga plataforma e por fim os links de apoio e contato.

Por seu propósito, meio e fim, ser um ambiente virtual, os seus processos museológicos precisaram encontrar-se com estratégias que lhes beneficiassem. Dessa forma, os métodos de desenvolvimento do museu se aprimoraram a partir de suas práticas neste ambiente.

Karen Worcman esclarece,

(...) o Museu da Pessoa dedicou-se também a sistematizar e sintetizar seu método para registrar, organizar e socializar histórias de vida, construindo uma tecnologia social que permite que grupos, comunidades e instituições organizem suas próprias memórias. Todas as iniciativas tiveram como norte a ideia de que o papel dos museus na sociedade contemporânea transcende o de preservar acervos e inclui fortemente a mediação no processo de transformação social de determinada comunidade. (WORCMAN,2017,p.3)

O seu acervo, por exemplo, é extremamente beneficiado pelos avanços tecnológicos a fim de promover a preservação, se desenvolvendo uma espécie de laboratório onde são utilizadas estas tecnologias. Primeiramente foram utilizadas fitas Betacam e ao longo dos anos foram desenvolvidas novas estratégias, pois seria necessária a transição das obras para novos suportes tecnológicos, sejam elas a utilização de CD's, Google Drive e HD's externos, além de ser instalada em sua sede administrativa uma reserva técnica.

Conforme citado anteriormente, o museu em sua sede administrativa possui espaço disponível não só para seu acervo, é também onde realizam seus encontros para os programas educativos e workshops que desenvolvem em parceria com escolas, instituições, grupos sociais. Além de um estúdio para realizar as captações de histórias de vida.

Uma das atividades que ocorreram fora do ambiente virtual foi a exposição *Quem sou eu?* da qual foi possível realizar uma visita no SESC da Vila Mariana em São Paulo no mês de dezembro de 2017. A exposição realizada foi devido à comemoração dos seus 25 anos de trajetória. Esta exposição agregou novas histórias captadas pelo museu através de um dos seus programas desenvolvidos, o *Conte sua história*, durante o período de 2015 e 2016.

Este projeto que teve a oportunidade de colocar em prática a *Tecnologia Social da Memória*, método desenvolvido pelo próprio museu e usado para o registro de novas histórias com o público. Envolveu a apresentação de novas narrativas registradas pelos funcionários das 37 unidades do SESC. Para isto foi instalada uma cabine no espaço expositivo e possibilitou que novos visitantes pudessem também realizar o registro de suas histórias. Neste momento, os visitantes tiveram a oportunidade de ter um contato com a exposição, compreender melhor sobre as narrativas das histórias que compõem o acervo de uma das exposições deste museu e para aqueles que não o conheciam terem a oportunidade de uma primeira proximidade para conhecer a proposta.

Ressaltamos aqui o valor ao trazer o conhecimento das experiências de vida, de trazer múltiplas vozes e compor um acervo de forma que não exista hierarquia do que pode ser visto com mais destaque e/ou possui maior relevância. Permite desta forma que o público possa ter acesso e consiga perceber as trajetórias socioculturais que perpassam esses sujeitos.

Desta maneira um museu virtual como o *Museu da Pessoa* encontra-se à disposição e continuamente disponível para que consiga alcançar as pessoas, que se sintam abertas ao processo de conhecer o próximo de forma apreciativa, mas também empática ao navegar em suas narrativas, ideias e vozes expostas e prontas para serem ouvidas.

2. AS AÇÕES MUSEOLÓGICAS DO MUSEU DA PESSOA

Este capítulo está dividido em algumas partes. A primeira traz considerações acerca dos conceitos de memória e *Nova Museologia*, a partir das discussões e reflexões pautadas, será possível entender melhor, a trajetória do *Museu da Pessoa* e situar nosso objeto de estudo. O museu virtual foi analisado neste trabalho a partir de suas ações museológicas em ambiente virtual e oportunamente em uma exposição física visitada, além das referências bibliográficas.

As outras partes do segundo capítulo traz as informações sobre o *Museu da Pessoa*, entendendo sua concepção, como as atividades do museu foram desenvolvidas e com atenção especial para a forma com que trouxeram como obras as histórias de vida, como veremos no decorrer deste capítulo.

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE MEMÓRIA E MUSEOLOGIA.

Neste capítulo serão abordados alguns conceitos da memória, que é uma das principais ferramentas das histórias de vida que compõem o acervo do *Museu da Pessoa*. Como dito anteriormente, um dos objetivos pautados pelo museu é a preservação da memória, tanto no que concerne a depoimentos individuais ou quando se refere a preservação da memória de coletivos e grupos sociais.

A simples noção sobre a memória, analisando de forma não conceitual, permite entender que através da nossa própria narrativa podemos realizar um reconhecimento com nossas memórias, da identidade e das nossas origens, gerando até mesmo a revalidação da autoestima.

Contudo, torna-se indispensável refletir sobre o conceito de memória, buscamos a partir da perspectiva de alguns autores, compreender os desdobramentos desse conceito relacionados ao sujeito. Nosso objetivo é refletir sobre os aspectos da memória social, relacionados aos dilemas museológicos: acervo, guarda, visitação. Assim, buscaremos uma maior compreensão dos assuntos que serão relacionados com o patrimônio neste e nos outros capítulos desta pesquisa.

O conceito de memória vem sendo estudado por inúmeros autores em diversos aspectos e se adequando ao campo do saber, sejam eles ligados a estudos das ciências humanas ou da área científica. No entanto, nas ciências humanas, encontramos artigos onde ainda são estudados os conceitos da memória coletiva e individual relacionados à memória social.

Maurice Halbwachs no livro *Memória Coletiva* afirmou que a memória é constituída pelo grupo social, mesmo que sendo uma construção individual, (...) *cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as reações que mantenho com outros meios.* (HALBWACHS, 1990, p.51).

O autor também defendeu que o sujeito em sua produção de memória não é formado somente por lembranças “exclusivas”. Para o autor, na verdade, as narrativas discursadas também sofrem a interferência de “outros”. A memória do sujeito quando está inserido em um grupo social começaria a ter o auxílio de outras “testemunhas”. Podemos citar como exemplo as situações em que não acreditamos em um fato ocorrido ou não possuímos lembranças fidedignas de determinado acontecimento e apoiamo-nos em base de outras opiniões, para que assim nossa narrativa se mantenha fortalecida.

Novamente Halbwachs pontua,

Muito mais, eles me ajudam a lembrá-las: para melhor me recordar eu me volto para eles, adoto momentaneamente seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois sofro ainda seu impulso e encontro em mim muitas ideias e modos de pensar a que não teria chegado sozinho, e através dos quais permaneço em contato com eles. (HALBWACHS, 1990, p.27)

Além de que os “quadros sociais da memória” reforçam a ideia de que mesmo a memória possua características muito particulares, estas apresentam referências do grupo social no qual o sujeito está inserido. De fato, pode acontecer de o sujeito carregar a lembrança, mas este permanece interagindo com seus grupos sociais e com a sociedade, as lembranças então se alimentam de distintas memórias, “comunidade afetiva” e dificilmente estamos longe dessas memórias e desses quadros de referências.

Michael Pollak ao tratar da memória e identidade social analisa as questões observadas por Halbwachs em seus estudos, porém destaca outras questões possíveis a partir da

constituição da memória. Também exemplifica alguns casos, apontando diversas experiências e o quanto a memória possui maior ou menor grau de influência.

Em um dos trechos, do artigo Memória e Identidade Social, declarou,

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20 - 30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes. (POLLAK, 1992, p.2)

Assim a memória pode ser mutável, variável e organizar-se de acordo com as devidas perspectivas que lhe são apresentadas. Através da memória é possível também perceber características cruciais em sua constituição e ao serem identificados tais pontos, será possível compreender e interpretar a justificativa das atitudes tomadas pelo sujeito na narrativa. Conseqüentemente, significa que as pontuações apresentadas são marcos irredutíveis em seu discurso.

Pollak novamente reafirma,

(...) a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que a memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. (POLLAK, 1992, p.4,5).

Ao possuir diferentes elementos que podem interferir tanto a nível individual como coletivo, os sujeitos seriam influenciados tanto por projeções, como por transferências. Tais características apresentam visivelmente quando são investigadas as informações do seu discurso. Além disso, a memória teria por característica principal ser seletiva, não seriam todas as informações cabíveis de serem registradas sem sofrerem algum tipo de esquecimento.

Diferentemente do que é abordado por Halbwachs, Pollak aprofundou as questões de projeções e transferências como fenômenos da memória como citado no parágrafo anterior.

Sua preocupação se direcionou em como interpretá-las, de modo que sejam compreensíveis as distinções para todos.

A partir de um caráter muito mais seletivo, os elementos constitutivos da memória se classificariam por *acontecimentos vividos* e os *vividos por tabela*. Os *acontecimentos vividos por tabela* significariam as memórias herdadas, pois não estariam dentro de um espaço-tempo vividos pelo sujeito ou grupo social. Inclusive as memórias, a percepção e a identificação que um grupo social possui de si mesmo, podem permanecer entre eles por muito tempo, até mesmo durante séculos. As transferências podem também ocorrer através da memória de um fato histórico, no qual os marcos da memória acabam sendo transferidos e projetados em outras datas que podem não ser exatamente a entendida e identificada pelo grupo social. A partir disso, há a interação da memória possuindo suas características e seus fenômenos construídos com o sentido de identidade, mas que não está imune e isolada de interações com os outros.

A respeito desta questão Pollak, esclarece,

Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLACK, 1992, p. 5)

Para adentrar mais precisamente nas questões de memória e identidade, introduz também um importante conceito de *trabalho de enquadramento da memória*. Nele podemos analisar como exemplo o investimento e o esforço realizado por diversas instituições a fim de uma solidificação da memória socialmente.

As arrumações realizadas a partir do conceito de *trabalho de enquadramento da memória* e que atravessam a identidade de um grupo social ou de uma pessoa, também pode possuir problemáticas envolvidas quanto a sua constituição, enquanto refletir sobre sua própria história. Logicamente, estes processos não ocorrem constantemente de forma

ininterrupta, teriam a ver com o período específico pelo qual possuirá momentos de constituição e de reconstituição.

Necessário também salientar que numa mesma sociedade pode coexistir dependendo do momento uma disputa entre memórias concorrentes: as “memórias subterrâneas” e a “memória oficial”.

Pollak esclarece,

Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante. (POLLAK,1989, p.3)

Conforme as circunstâncias há as interpretações da construção da memória, quando as memórias são reivindicadas pelos grupos que são subalternizados e então disputam espaços com a memória oficial, sendo está uma memória mais organizada e referida a credibilidade. O entendimento de que a partir da história de cada sujeito é possível também compreender sobre momentos históricos e que o fato de cada um possuir uma sua visão não existe nada que possa invalidar, mas é preciso compreender sobre como o sujeito que narra aquela história e os recortes que também o atravessam. Desta maneira, suas percepções podem ser distintas sobre um mesmo marco histórico.

Como o *Museu da Pessoa*, lida com as narrativas, o entendimento e importância de alguns autores sobre o conceito de memória é de extremo valor. Assim torna-se possível a compreensão sobre as narrativas de histórias de vida e sobre como o museu trabalha com a memória social em seus programas, que nada mais são do que constituídas por memórias.

Como abordado inicialmente no primeiro capítulo, a concepção de museu e quanto a seu papel social sofreram profundas transformações. A história da antropologia se conecta com a história dos museus e assim como a museologia no Brasil. Quando o estudo e trabalho dos antropólogos se voltaram na busca e construção de identidades em nosso território. A própria questão do colecionismo enquanto pensamento e prática exercida merece maior reflexão.

Segundo Ribeiro e Velthem,

O ato de recolher objetos e materiais diversos pode ser compreendido como uma necessidade de classificação do mundo exterior, visando nele inserir-se mediante sua compreensão e domínio. Uma coleção retrata, por isso, a história de arte do mundo e, concomitantemente, a história a realidade do colecionador e da sociedade que a formou. (RIBEIRO & VELTHEM,1992, p.103)

Assim, diferentes sociedades realizaram a prática do colecionismo, contudo o colecionismo pode ser interpretado como uma forma de organização, de compreensão do espaço social. Os museus como lugares de memória, tinham como visão e caráter a objetificação de obras que pertenciam a outras culturas. Havia uma visão elitizada, uma elite branca, europeia e, portanto, naquela época ainda uma visão eurocentrista.

Além dos processos de colonização onde não se reconheciam e onde não havia a valorização de outras culturas principalmente as que se encontravam em condição de colônias. Na verdade, não havia grandes projeções, apenas as colônias eram vistas com o intuito de serem exploradas e tinham seus bens culturais roubados. Somente o que os colonizadores europeus pretendiam era a exploração de terras, mão-de-obra escravizada e o controle de produção de consumos locais.

Mesmo nos princípios do século XX, o colecionamento como prática ainda era exercido, tinham a ideia de que era necessário o salvamento, pois os bens culturais de determinadas sociedades poderiam desaparecer. Acreditando assim, que os povos de caráter ancestral estariam fadados ao desaparecimento. De certo modo acaba por mostrar o contraponto se comparado aos museus contemporâneos que possuem novos olhares e perspectivas sobre suas coleções, sobre o papel do museu e o que é pensado sobre museologia.

Para entendermos esse processo, precisamos olhar para outro momento da história quando o museu finalmente tem o seu papel de instituição transformado, o movimento da *Nova Museologia*, tal movimento ocorreu no período dos anos 60/70. Um dos marcos da transformação no sentido do papel social do museu ocorreu durante a *Mesa Redonda de Santiago*, no Chile em 1972, então promovido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Nesta conferência realizada sobre a relação dos museus e contextualizando-os com o desenvolvimento social, as questões sociais locais e como deveriam ser as funções e a atuação dos museus daquele momento em diante, portanto uma grande reflexão sobre os espaços museológicos.

Como afirmado em um dos pontos da Declaração de Santiago,

Que o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais; (Declaração de Santiago, 1972)

Tais discussões ainda seguem pautadas em conferências e publicações, motivadas a refletir sobre as novas dinâmicas que se apresentam desde o movimento da *Nova Museologia*. O próprio movimento se estabelece de forma muito significativa dentro da museologia por sua característica criativa, de reinventar suas ações, enfim por ser um condutor nesta nova iniciativa de agir de forma mais empenhada com as necessidades da sociedade. Sendo adaptado a diversos contextos e procurando contribuir para o desenvolvimento social.

A fim de aprofundar a contextualização sobre este movimento da *Nova Museologia* ele é pensado em um momento de grandes mudanças sócio-políticas e econômicas e naquele momento buscavam sua própria identidade. Procurando um deslocamento da tradição europeia de museus. Seguiam teorias que abrangiam a descolonização, um real contraponto a ideia dos museus com uma visão mais tradicional de antropologia e etnografia e que de fato também causaram impactos para estes.

As décadas de 60 e 70 que foram quando a *Nova Museologia* surgiu e foi marcada por diversas mudanças de paradigma na sociedade. Neste momento eram pautados também outros movimentos dos quais não se poderia deixar de ser influenciados. Movimentos que criticavam as visões tradicionais da época, mas também pautavam discussões importantes eram estes os movimentos de ordem popular, o movimento feminista, movimento negro, mas também um forte período de ditadura em diversos países da América Latina, além de um contexto de guerras civis em alguns países e, sobretudo uma crítica às desigualdades sociais e numa escala maior ao sistema capitalista.

Outro importante marco que veio para reforçar o comprometimento dos museus foi a *Declaração de Quebec*, no Canadá em 1984, reconhecendo e reafirmando a importância da *Nova Museologia*, sobre a participação da comunidade nos espaços museais de forma ativa e compreendendo o diálogo das instituições com a sociedade e que estes devem servi-las, procurando engajamento da sociedade em diversas ações.

Como é pontuado na Declaração de Quebec,

A museologia deve procurar, num modo contemporâneo que tenta integrar todos os meios de desenvolvimento, estender suas atribuições e funções tradicionais de identificação, de conservação e de educação, a práticas mais vastas que estes objetivos, para melhor inserir sua ação naquelas ligadas ao meio humano e físico. (Declaração de Quebec, 1984)

Durante o encontro ocorrido em Quebec ficou estabelecido que o próximo fosse realizado em Lisboa, Portugal. Assim em 1985, durante o *MINOM - Movimento Internacional para uma Nova Museologia* prossegue a continuação das discussões sobre a *Nova Museologia* e sobre o desenvolvimento dos museus locais na defesa do patrimônio, assim também reafirmou as pontuações definidas na Declaração anterior. O papel social do museu sofreu profundas mudanças e buscou se comunicar e refletir com o seu tempo, as mudanças definidas pelas cartas citadas traduzem os anseios do movimento da *Nova Museologia*.

2.2. MUSEU DA PESSOA E VIRTUALIDADE

O *Museu da Pessoa* tem como sua marca mais relevante a forma como conseguiu democratizar seu acervo composto por histórias de vida. Como dito, no capítulo anterior somente poderia ser possível a partir das transformações ocorridas a partir da *Nova Museologia* e como os próprios museus foram se redefinindo.

Para a contextualização convém pontuar o momento socioeconômico e político em que o museu segue seus primeiros passos. Até mesmo porque os museus tendem a refletir os aspectos encontrados na nossa sociedade. O Brasil estava no momento de se reconhecer como uma nação mais democrática após a Constituição de 1988, alguns pequenos avanços começavam a ser possíveis, quando pensamos em democratização de informação, a partir da década de 90 já começam os avanços tecnológicos que possibilitaram o surgimento do museu como o surgimento da internet.

Para complementar o contexto de idealização e surgimento do museu é preciso apontar as referências que motivaram sua criação, pela criadora Karen Worcman⁸ a idealização do museu surgiria ainda quando estudante de História na UFF - Universidade Federal Fluminense. Em que a partir de uma pesquisa nos livros didáticos de história que haviam sido

⁸ As informações de como a Karen Worcman foi influenciada através de pesquisas e entrevistas foram informações coletadas no plano museológico do Museu da Pessoa. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/home>

publicados desde os anos 30 no Brasil, notou especificamente sobre as legislações do Ensino de História e percebeu aspectos sobre as narrativas e como estas se transformam de acordo com os movimentos ideológicos do Brasil. Analisou como os conceitos de História e Memória eram criados, a partir disso e como se transformavam em senso comum.

Em outro momento ao realizar entrevistas para um projeto de organização de acervo do repórter fotográfico José Medeiros, para a Funarte. Percebeu durante os registros das entrevistas realizadas com os profissionais que haviam trabalhado com ele, questões menos engessadas, questões sobre as experiências de vida e assim traziam muitos conteúdos para serem analisados.

Outro fato marcante foi quando trabalhou em um projeto sobre imigrantes judeus no Rio de Janeiro, realizado pela Associação Israelita do Rio de Janeiro, chamado Heranças e Lembranças. O projeto foi realizado ao longo de três anos, com uma equipe de história oral que foi desenvolvida naquele momento, no qual adquiriu experiência para sistematizar os procedimentos que envolviam uma entrevista. Tais motivos a influenciaram na concepção do museu.

Segundo a informação do Plano Museológico,

O Museu da Pessoa surge então em 1991, com o objetivo de construir uma rede internacional de histórias de vida. Desde o início, ainda antes da popularização da Internet, definia-se como um museu virtual. Desde sua fundação, o foco era possibilitar a construção de uma memória social baseada em histórias pessoais. As narrativas, organizadas em uma base digital, serviriam para contribuir com a criação de diferentes perspectivas da sociedade. (Plano Museológico 2019-2021, 2019, p.7)

De fato o conceito de museu virtual ainda pode ser considerado um conceito novo, visto que o acesso as demais camadas da sociedade surgem a partir dos anos 90 e de forma bem gradual. Não diferentemente desse progresso de informação a plataforma do museu acompanha as progressões da internet de acordo com o momento. No início possui um caráter mais institucional e com o avanço da internet é notável o seu desenvolvimento e o crescimento de suas ações museológicas.

A plataforma digital o seu principal ambiente e para onde a maioria de suas ações são voltadas, permitem aos visitantes amplo acesso às exposições em cartaz e ao seu acervo

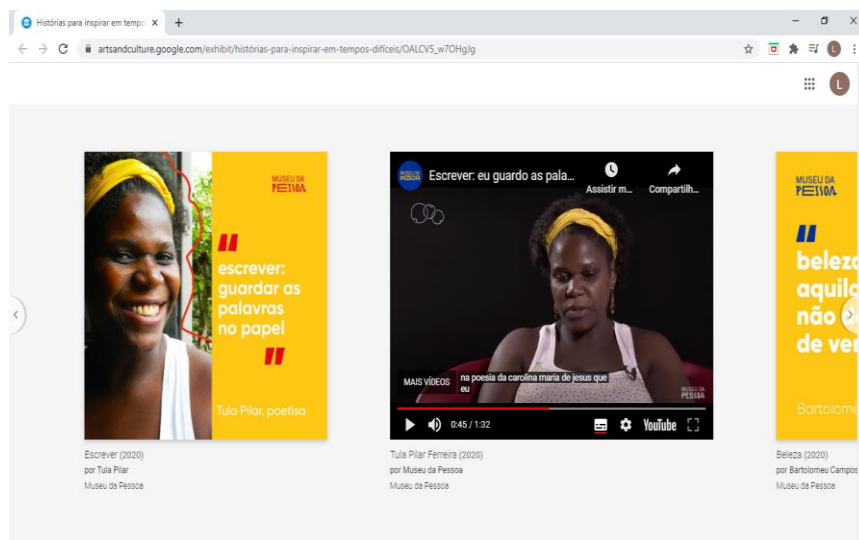
completo, no qual o visitante torna-se colaborador e também curador ao realizar suas próprias coleções. Neste momento, mas do que antes o museu vem assumindo uma forte presença em seus canais de comunicação.

Figura 3 - Exposição Vidas Negras: O que o seu retrato quer de mim?



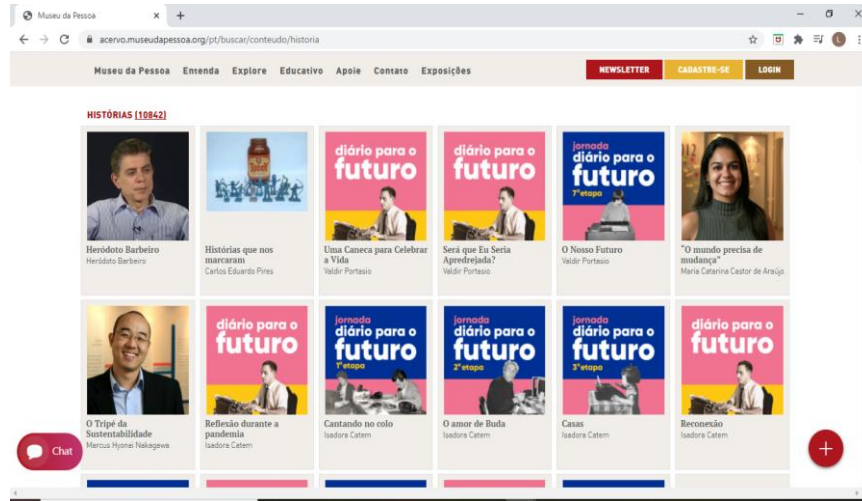
Fonte: Figura retirada da Plataforma do Museu. Acessado em 01/09/2020.

Figura 4 – Exposição Histórias para inspirar tempos difíceis.



Fonte: Figura retirada da Plataforma do Museu. Acessado em 01/09/2020.

Figura - 5 Figura do Acervo na plataforma do Museu da Pessoa



Fonte: Figura retirada da Plataforma do Museu. Acessado em 01/09/2020.

Nesses 29 anos de existência o museu aprimorou e continua a aprimorar suas técnicas e o seu repertório de histórias e expandiu sua forma colaborativa, através da realização de projetos organizacionais de memórias para empresas, através de editais, parcerias institucionais e de programas desenvolvidos com o público.

Com o intuito de elucidar as informações contidas no plano museológico e analisadas nas plataformas virtuais (plataforma nova e antiga), redes sociais e informações obtidas em entrevistas, segue um quadro demonstrativo das cinco fases do museu e uma síntese dessa trajetória de praticamente três décadas:

Figura - 6 Tabela demonstrativa das fases do Museu da Pessoa

1	1991-1996	Uma rede sem rede: novas vozes na história.
2	1997-2003	Novos produtores de Memória
3	2004-2008	Conectando Redes
4	2008-2015	Histórias de vida como patrimônio da humanidade
5	2016-2021	Preservando o legado

Fonte: Informações retiradas do plano museológico do Museu da Pessoa.

Todas as fases destacadas contribuíram e ainda possuem elementos significativos para a estrutura do museu. Porém, torna-se necessário ser destacados alguns marcos de cada fase. Em sua primeira fase de 1991-1996 ficou caracterizada com as primeiras experiências com exposições, participando de projetos de outras instituições museológicas além de uma parceria com a CUT⁹, que se destaca e realiza um primeiro curso de formação com os trabalhadores.

Durante este período, o *Museu da Pessoa* realizou e pôs em prática as primeiras cabines móveis de registro de história de vida em vídeo, que dariam origem ao *Museu que Anda*. Assim, foram dispostos em espaços públicos e privados, ao todo totalizaram 200 cabines por todo o país. O que motivou o museu a começar a pensar em processos de difusão, começou-se assim a usar CD ROM's e posteriormente o que viria a transformar suas ações seria o uso da internet.

De 1997-2003 o museu deu passos mais largos com a possibilidade de se estabelecer em um site, iniciou uma sessão chamada *Conte sua história*¹⁰, na qual os usuários enviavam suas histórias escritas. Nesta fase, também começam a pensar o alcance de suas ações e metodologias para que diversos grupos sociais pudessem registrar suas histórias. Nesta época surgem parcerias para o projeto *Memória local Na Escola*¹¹ e projetos de memória realizados com a Petrobrás, Vale, Votorantim, Grupo Agar e Sindicato de metalúrgicos do ABC.

De 2004-2008, cresce sua articulação em todo o país em ações em torno da memória. Em 2007 tornou se um Pontão de Cultura/Memória, o que possibilitou a construção de polos regionais de memória, responsáveis pela articulação de projetos em seus territórios.

Segundo Karen Worcman,

O Museu da Pessoa tornou-se em 2005, um Ponto de cultura. Neste ponto de cultura, abrimos um estúdio de captação de histórias para o público e realizamos algumas oficinas de formação. Em 2006 iniciamos um processo de construção de uma rede nacional de memórias - chamada Brasil Memória em Rede - que buscava conectar e construir uma outra história para o Brasil. Esta rede foi construída em fóruns e em editais que deram origem à pólos regionais de memória que realizavam ações locais de mobilização de grupos sociais diversos para registrar e disseminar histórias de vida. Em 2007 essa iniciativa foi transformada em um pontão de memória que tinha por objetivo formar outros pontos de cultura na metodologia de registro, organização e disseminação de histórias de vida. O processo se renovava, a cada ano, por meio de fóruns nacionais e colaborativos. 100 organizações foram

⁹ CUT- Central Única dos Trabalhadores.

¹⁰ Esta sessão deu origem ao programa *Conte sua história* a principal porta de entrada de histórias do acervo.

¹¹ Um dos programas educativos realizados pelo museu.

envolvidas diretamente e cerca de 400 organizações fizeram parte das ações, por meio de plataformas colaborativas e de ações locais.(informação verbal)¹²

De 2008-2015, devido a crise econômica, teve que restringir sua equipe e suas ações reduzidas. Voltou-se para o seu acervo, pois grande parte ainda não havia sido digitalizada e tinha a necessidade de realizar a migração de suportes. Em 2014 na quinta versão da plataforma conseguiam atuar como curadores e montavam suas coleções.

Na atual fase de 2016 a 2021 ocorrem ações e eventos em decorrência da comemoração dos seus 25 anos de trajetória, dentre uma das ações ocorre a publicação de *Quase Canções*, que agregou histórias de 2015 e 2016, através do programa *Conte sua história* e a exposição *Quem sou eu?*, que foi citada no primeiro capítulo deste presente trabalho. Atualmente a equipe do acervo está empenhada para a digitalização completa de seu acervo que adquiriu em três décadas e com o apoio do BNDES.

A chegada da pandemia coincidiu com um momento que estava se ampliando a presença nas redes sociais. Todo esse processo trouxe bastante aprendizado e a partir da nova realidade, comprovaram que o caminho para o museu é justamente ampliar sua relevância e acesso é ser e estar cada vez mais virtual.

Das medidas tomadas para potencializar ainda mais a presença virtual, foram o compartilhamento de histórias, o desenvolvimento de exposições virtuais, podcasts, lives e saraus, criaram uma ferramenta para que os visitantes pudessem compartilhar seus relatos na quarentena e continuaram a realizar entrevistas (atentos às medidas exigidas no momento), rodas de histórias e cursos online. Criaram um edital para edição de histórias do acervo e participaram de diversos webinários, constatando assim, um caráter cada vez mais colaborativo e presente no ambiente virtual.

Tais iniciativas resultaram em um uso mais ativo dos canais de comunicação, o que contribuiu para um crescimento das redes e uma maior presença nestas. Além de uma aproximação e expansão do público, foi identificada em outras áreas do Brasil. Segundo as entrevistas realizadas com o diretora e o coordenador de projetos Renato Herzog, as

¹² Worcman, Karen. Entrevista concedida para a autora em 12/10/2020.

iniciativas citadas pretendem explorar mais as formações online, para que a metodologia do Museu possa ser multiplicada e cada vez mais disseminada pelo Brasil e pelo mundo.

Quanto a gestão do museu constituído por uma equipe permanente e mais enxuta e responsável pela manutenção e gestão das atividades. O *Museu da Pessoa* realiza contratações por demanda para execução de seus projetos, através da aprovação de editais. Atualmente recebe a ajuda colaborativa de voluntários que contribuem com tratamento do acervo.

O voluntariado¹³ foi criado em 2014 pelo motivo do museu estar em constante continuidade quanto à digitalização e tratamento do seu conteúdo e o processo de preservação realmente apresentar-se como uma grande tarefa. Além de que há o desafio de manter os parâmetros de qualidade do tratamento do material.

O Museu da Pessoa decidiu criar um programa de voluntariado, inicialmente voltado ao tratamento de seu acervo. Os interessados atuam na revisão, transcrições, acessibilidade (descrição de imagens das fotos e documentos do acervo), além disso, a própria *Tecnologia Social da Memória* é utilizada em diversas frentes. Há a criação de sinopses para as histórias, mini biografias para os entrevistados, utilização de tags que auxiliam na busca pelas entrevistas, vídeos e fotos.

Quando o museu virtual já está com um acervo composto por arquivos digitalizados, as histórias então são enviadas pelo Google Drive para os voluntários¹⁴. Estes estão espalhados pelo Brasil e em outros países, trabalham nos materiais e devolvem o conteúdo tratado da mesma forma. Após este primeiro processo, o programa envolve outras atividades, como por exemplo a legendagem de vídeos da playlist do museu no Youtube e a produção de legendas em outros idiomas. Também existe a busca e empenho pela acessibilidade do conteúdo a pessoas com dificuldades auditivas ou mesmo usuários de outros países.

A respeito da visão da diretora Karen Worcman, sobre os desafios e pontos positivos encontrados atualmente no museu,

“O principal ponto positivo é também nosso maior desafio. Sendo um museu virtual em um mundo tão digital, o museu pode ser acessado por qualquer pessoa na palma de sua mão. Por outro lado, para garantir essa acessibilidade, há uma série de variáveis que precisamos levar em conta, sendo talvez, a principal delas: “como ampliar a relevância do Museu da Pessoa para que ele seja cada vez mais

¹³ Informações coletadas com a Marcela Tripolli, antropóloga e responsável pelo voluntariado.

¹⁴ Informações coletadas no plano museológico do Museu da Pessoa.

acessado?”. Esse é nosso principal norte. Por outro lado, o Museu da Pessoa propõe o encontro e a escuta como uma de suas principais ações museológicas. Este encontro, que se realiza muitas vezes em entrevistas presenciais, é ainda um desafio quando realizado só por meio virtual. A pandemia serviu para desenvolvermos novas formas virtuais de ação” (informação verbal)¹⁵

O conhecimento sobre a memória torna-se importante quando abordamos sobre museologia, a concepção de que as obras narrativas possuem também a relação com a memória, além desta questão existe a relação do processo social envolvido. A memória coletiva será constituída com o valor das memórias das narrativas apresentadas por um grupo social. Sua constituição não está atenta somente ao tempo passado, mas que sofrem influências de forma contínua e dialogam com o presente. A memória está continuamente inter-relacionada com o processo dessa identidade social.

A respeito da relação da memória e dos processos museológicos as autoras Henriques e Worcman afirmam,

“A museologia contemporânea foca em ações museológicas que sirvam de instrumento para contribuir para mudanças sociais. E essas ações estão ligadas à memória, não só por ser o museu um lugar de memórias, memórias dos objetos e memórias das pessoas, mas também porque os museus são lugares de interação das pessoas com o seu patrimônio. Ao longo dos últimos 20 anos, os avanços tecnológicos, a globalização e a transformação nos meios de comunicação deslocaram o papel das pessoas na produção e disseminação da informação, atribuindo maior valor às histórias de vida das pessoas.”(HENRIQUES & WORCMAN, 2017, p.9)

A memória social tem contribuição para o sentido de presença, de perpetuação e de permanência e de que assim o grupo social possui um valor, um passado e que pode compartilhar suas memórias. Não apenas a existência de uma territorialidade daquele grupo, mas sobretudo demarcando um valor no campo simbólico.

Assim reafirmando o que foi dito anteriormente, o sujeito conforme se envolve nas dinâmicas do seu grupo social, pode também estabelecer relações com outros tantos grupos sociais e instituições. Posiciona-se, se realoca e também será influenciado por sentidos de afeto, de educação, respeito ou censura que alimentam e atravessam o sujeito.

¹⁵ Worcman, Karen. Entrevista concedida a autora em 10/11/2020.

Além de que a memória coletiva e a memória histórica também o nutrem e se solidificam com um conhecimento mais amplo da sociedade. Com este sentido de reconhecimento sobre os significados dos conceitos da memória, é que se torna possível realizar um diálogo com os objetivos propostos pelo Museu da pessoa. Além disso, a amplitude das tecnologias ajudou e continua a desenvolver-se de forma contínua.

3. OS PROGRAMAS DO MUSEU DA PESSOA

O *Museu da Pessoa* constitui suas ações entre o virtual e o físico, suas práticas museológicas ocorrem nos dois ambientes. As práticas exercidas nos territórios são a partir dos conhecimentos e metodologias desenvolvidos ao longo da trajetória do museu. Propõe um intercâmbio dos seus conhecimentos e trabalhos com a memória social, estes são muitas vezes desenvolvidos através dos programas educativos e da *Tecnologia Social da Memória*.

Com o auxílio da *Tecnologia Social da Memória* que é a metodologia desenvolvida pelo museu a partir de uma prática sistematizada para atender comunidades, organizações sociais, empresas e pode ser atendida por toda e qualquer pessoa. Essa metodologia tem como principal objetivo a valorização dos saberes, das memórias das pessoas e o reconhecimento das identidades. Possuem práticas que não envolvem um alto custo e procura fazer com que uma grande rede de pessoas possa ter contato e consigam registrar suas histórias.

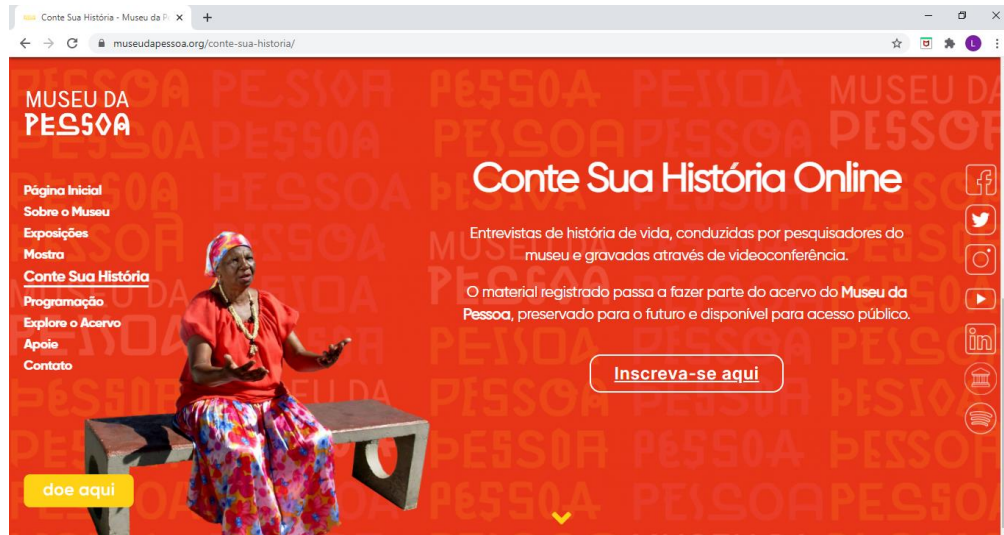
Os programas desenvolvidos são o *Conte Sua História*, *Programa de Acervo* e o *Programa Educativo*¹⁶. Ao longo dos anos alguns programas tiveram maior abrangência e puderam expandir seus conhecimentos, este é o caso dos programas *Memória Local na Escola* e o programa *Todo Lugar tem uma História para Contar*.

As informações aqui presentes foram encontradas nas plataformas do museu, através das entrevistas realizadas virtualmente, do plano museológico e da própria visita mediada a sede administrativa do museu. Entende-se o programa *Conte Sua História* como um centro de recolhimento das histórias, a partir deste programa é que são adquiridos também as fotos, documentos, vídeos e áudios enfim o conteúdo multimídia que o museu adquire para o seu acervo e utiliza para realizar as exposições das histórias.

As captações podem ser através da própria plataforma digital do qual é apresentado os recursos para a inserção dos conteúdos. Ou através de uma visita marcada no estúdio que está disponível na sede administrativa do *Museu da Pessoa*. As duas formas apresentadas são disponíveis para que não se tenha dificuldade com o registro. Estes foram métodos que foram evoluindo e se adaptando as condições existentes de cada momento.

¹⁶ A maioria das informações podem ser encontradas no site do acervo. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/educativo/area-educativa>

Figura - 7 O programa disponível Conte sua História na plataforma do Museu da Pessoa.



Fonte: Figura retirada da Plataforma do Museu. Acessado em 01/09/2020.

Figura - 8 O estúdio na sede administrativa do Museu da Pessoa.



Fonte: Fotografia tirada em visita à sede administrativa em 08/11/2019.

O Programa de Acervos segue uma trajetória muito peculiar dentro do Museu, pois acompanhou as mudanças tecnológicas no decorrer de quase trinta anos. Possuiu o desenvolvimento de métodos com a intenção de salvaguardar e preservá-los de forma continua independente dos avanços da tecnologia.

As diversas formas de adquirir tal acervo são através dos programas aqui citados, são os *Conte Sua História*, *Projetos Temáticos*, *Museu que Anda* e através da disseminação da metodologia. Há a organização e gerenciamento deste acervo com fichas de catalogação, com licenças de uso de imagem, são organizados em pastas arquivos e guardados em armários. Os arquivos multimídias estão na reserva técnica e devidamente organizada em um banco de dados. O acervo já utilizou Betacams, VHSs, DATs, Hi-8s, k7s, DVCAMs, MiniDV's, MiniDisc, DVDs, CDs e HDs.¹⁷

Conforme Karen Workman pontua sobre a transição de tecnologias com o acervo,

Foi e é sempre um processo complexo. O Museu da Pessoa possui, hoje em seu acervo, quase um museu de tecnologias diferentes. Do U-Matic, Betacam, Hi -8, mini dv, VHS, fitas cassetes e fotografias em filmes. todos estes formatos são hoje formatos de nosso acervo. Realizamos, ao longo de nossa trajetória, alguns processos de transcodificação de mídias e, atualmente, estamos completando um processo de digitalização de 100% de nosso acervo. (informação verbal)¹⁸

O programa *Memória Local na Escola* como uma formação realizada por professores e alunos do ensino fundamental a partir de encontros mensais, na cidade do qual o projeto é realizado. O programa tem por metodologia organizar práticas pedagógicas para a realização do projeto com os alunos. Com o intuito de divulgar histórias de vida dos moradores de suas cidades, trabalhando com textos e desenhos. Toda a produção de histórias pode ser exibida em espaço público através de uma exposição ou entram para uma coleção virtual na plataforma

¹⁷ As especificações das tecnologias foram informações coletadas na visita sede administrativas e constam no plano museológico.

¹⁸ Karen Workman. Entrevista concedida em 10/11/2020.

digital do museu.¹⁹ Também há a produção de materiais educativos, livros e roteiros para educadores.

Como é afirmado no plano museológico,

As narrativas de vida resultam das formas com que cada indivíduo articula e do significado as experiências. São, neste sentido, um ponto de encontro entre o tempo histórico comum e a singularidade de cada um. A entrevista realizada na escola por um grupo de alunos de uma única pessoa provoca uma conexão profunda entre entrevistadores e entrevistado. São inúmeros os desdobramentos que esse contato pode provar nos alunos, nos professores e em toda comunidade. (plano museológico, 2019, p.28)

Com o programa *Todo Lugar tem uma História para Contar* é outra atividade que utiliza a *Tecnologia Social da Memória* junto a agentes e líderes locais. O foco é a produção de histórias de um determinado território contadas pelos próprios moradores locais, que tiveram um papel importante na construção daquele território. Diferente do programa anteriormente citado, as histórias recolhidas pelas lideranças ou grupos locais definem o projeto e decidem como deve ser divulgado.

Figura - 9 O acervo na reserva técnica do Museu da Pessoa.



Fonte: Fotografias tiradas em visita à sede administrativa em 08/11/2019.

¹⁹ As informações e o portfólio do programa pode ser encontrado no acervo. Disponível em: <http://acervo.museudapessoa.org/pt/entenda/portfolio/exposicoes/memoria-local-na-escola>

A fim de demonstrar quantitativamente o *Museu da Pessoa* apresenta hoje os seguintes números, listados de acordo com os seus suportes documentais. As informações encontradas nesta tabela sobre seu acervo estão inseridas na plataforma e respectivamente no plano museológico:

Figura 10 - Os dados do acervo Museu da Pessoa.

Textual	Cessões 2,63 metros lineares	16,77 metros lineares
	Caixas 14,14 metros lineares	
Eletrónico	CDs 6.245	11.196
	DVDs 3.083	
	MiniDiscs (MD) 1.763	
	HDS 105	
Filmográfico	Mini DVs 8.161	10.235 fitas videomagnéticas
	DVCAMs 945	
	Hi8 343	
	Betacam 88	
	VHS 433	
	K7 265	
Filmográfico	Periódicos 10	
	Livros 462	
	Fólderes 162	
	Panfletos 25	
Iconográfico	Fotografias 4.643	
	Cartões-postais 59	

Fonte: Figura retirada do plano museológico do Museu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo de caso possui o objetivo de analisar e compreender o *Museu da Pessoa*. Se propôs a levar os conceitos e questões referentes aos museus e museus virtuais, não tratou somente do aprofundamento das questões sobre o uso da internet pelos museus de uma forma ampla o seu olhar esteve sobre o uso da internet pelos museus de uma forma ampla o seu olhar esteve sobre como diferencial ao musealizar as histórias de vida, portanto traz o exemplo de uma nova perspectiva.

Os conceitos sobre museologia virtual sejam novos dentro do campo da museologia, as práticas desenvolvidas neste museu tem como maior característica a sua capacidade de reinvenção. Além de que podemos dizer que um museu com esta constituição que foi desenvolvida ao longo de sua trajetória somente seria possível a partir só pode existir a partir dos conceitos estudados surgiram a partir do movimento da *Nova Museologia*.

Observa-se que as ações museológicas desenvolvidas pelo *Museu da Pessoa* convergem com as perspectivas das declarações pontuadas neste presente trabalho. Ênfase na *Declaração de Santiago* em 1972, a *Declaração de Quebec*, em 1984 no Canadá e a *Declaração de Lisboa*, em 1985 com a *Carta de La Paz* realizada em 2º18 na Bolívia bruto do I Encontro Internacional de Museus, este encontro de representantes dos países de origem ibero-americanas propôs o entendimento e o fortalecimento de novas narrativas tentando compreender a abrangência dos espaços museológicos na contemporaneidade.

O entendimento de museus pertencentes a um determinado território que propõem diálogo e possuem consciência das ações museológicas e preocupados com o desenvolvimento social. Desta maneira, o *Museu da Pessoa* consegue estar constantemente com suas portas abertas tanto no ambiente virtual como em um ambiente físico, propor uma metodologia para a salvaguarda da memória sócia e a preocupação do museu também esta inserida nos seus programas no qual se propõe também em disseminar seus conhecimentos.

A própria Bolívia onde foi realizada a Carta de La Paz mais do que compreende a partir dos aspectos de sua cultura o reconhecimento e valor do patrimônio cultural, mas ainda de outros aspectos ligados ao entendimento dos patrimônios imateriais e/ou intangíveis. A compreensão destes aspectos como constituidores do sentido de memória, de identidade e cultura de um

povo seja ele uma posição de oficialidade ou de pertencer as memórias e culturas de caráter mais populares e ancestrais.

Na medida em que este trabalho apresentou sobre o papel social do museu, sobre ser um museu mais ativo e acompanhando as mudanças sociais o que não demonstra um caráter mais fácil e sim o trabalho constante com as características e aspectos que são apresentados ara os espaços museológicos. Consideravelmente são perceptíveis os avanços adquiridos ao longo dos anos.

Sendo assim, o *Museu da Pessoa* possui um formato inovador esta de acordo ou procuram estar de acordo com as demandas que podem lhe atravessar, como um lugar de memória, muitas vezes de uma memória histórica e contextualizados as reflexões de seus tempos lidam com o patrimônio imaterial ou intangível da cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, M. M. Apresentação. In: DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (Ed.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013. Disponível em: http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf

Guia dos Museus Brasileiros. Brasília: Instituto Brasileiros de Museus, 2011. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/guia-dos-museus-brasileiros-3/>

Chagas, M.(1). **MEMÓRIA E PODER: DOIS MOVIMENTOS**. Cadernos De Sociomuseologia, 19(19).

HENRIQUES, R. **Museus virtuais e cibermuseus: a internet e os museus**. 2004, p. 1-17. Disponível em: <https://globalherit.hypotheses.org/museu-afrodigital-estacao-portugal/museus-virtuais-e-cibermuseus-a-internet-e-os-museus>

VEIGA, Ana Cecília Rocha. **A Nova Museologia e a interdisciplinaridade**. In: Sebramus Seminário Brasileiro de Museologia, 2014, Belo Horizonte, Anais. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 26-33. Disponível em: <http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/1sebramus/1Sebramus/paper/view/9/2>

WORCMAN, Karen. **Nossas Memórias, Nossas Histórias. Ou de como bibliotecas podem usar e abusar do Museu da Pessoa, uma grande “humanoteca”**. Museu da Pessoa, 2017. Disponível em: <http://www.museudaessoa.net/pt/explore/artigos/nossas-memorias-nossas-historias-ou-de-como-as-bibliotecas-podem-usar-e-abusar-do-museu-da-pessoa-uma-grande-humanoteca>

WORCMAN, Karen; HENRIQUES, Rosali. **CURADORIA COLABORATIVA: uma experiência digital do Museu da Pessoa**. Revista Observatório, Palmas, v. 3, n. 5, p. 57-73, agosto. 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3836/11269>

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva e Memória Individual**. In: A Memória Coletiva. São Paulo: Edições Vértices, 1990.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Vol.5, Nº 10, 1992.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 1-15.

ABREU, Regina. **Museus etnográficos e práticas de colecionamento: antropofagia dos sentidos**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, v.31, p.100- 125, 2005.

RIBEIRO, Bertha G.;Velthem Lucia H.van. **Coleções etnográficas. Documentos materiais para a história indígena e a etnologia**. Livro História dos índios no Brasil. p.103 – 112,1992.

MOUTINHO, Mário C. **Definição Evolutiva de Sociomuseologia: proposta de reflexão**. Cadernos do CEOM: Museologia Social. Chapecó, ano 27, n. 41, 2014, p. 423- 427.

LISBOA. **Declaração de Lisboa sobre a Nova Museologia**. MINOM, 1985

MÍDIA E INTERNET

Mesa Redonda de Santiago, no Chile em 1972. Disponível em:

<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/legislacao/museologia/3-1972-icom-mesa-redonda-de-santiago-do-chile.html>

Declaração de Quebec, 1984. Disponível em:

<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/legislacao/museologia/4894-1984-declaracao-de-quebec.html>

Plano museológico 2019 – 2021. Disponível em: <https://museudapessoa.org/>

Museu da Pessoa. Disponível em: <https://museudapessoa.org/>

Acervo do Museu da Pessoa: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/home>

Tecnologia Social da Memória. Disponível em:

https://acervo.museudapessoa.org/public/editor/livro_tecnologia_social_da_memoria.pdf

ANEXO

ANEXO I: Tradução da Carta de La Paz que consta no Livro *Gestión y Nuevas Narrativas em Museos* - Bolívia, 2020.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

I Encontro Internacional de Museus

O 1º Encontro Internacional de Museus sob o tema “Gestão de Museus e novas narrativas”, no âmbito de La Paz, a Capital Ibero-americana, organizado pelo Governo Municipal Autônomo de La Paz, Fundação Visão Cultural e ICOM Bolívia, realizado na cidade de La Paz, Bolívia, de 25 a 27 de julho de 2018, cumpriu o objetivo de gerar um espaço de diálogo para conhecer a situação atual dos museus do país e da região, contando em sua primeira versão com a participação de especialistas da: Bolívia, Argentina Brasil, Chile, Colômbia, Espanha, México e Peru. Foram apresentados 37 trabalhos em 9 fóruns e 3 mesas de discussão com as quais foi possível gerar diversos espaços de reflexão, diálogo, integração, troca de conhecimento, sinergia e sinergia em torno dos museus, suas funções, projetos e contextos.

No dia 27 de agosto, foi realizada uma assembleia geral-plenária com a presença de aproximadamente 120 participantes, para discutir diferentes questões latentes em relação aos museus, entre elas:

- Museus e instituições
- Sustentabilidade e museus
- Políticas culturais, regulamentos e museus
- O papel do museu hoje e os novos desafios

Após uma série de intervenções, diálogos e reflexões, determinou-se a realização deste manifesto com o objetivo de aprofundar os debates públicos, relacionados com a luta no campo dos museus e da cultura, tendo em conta a conjuntura política nacional e internacional que cruzam os países da região.

Diferentes necessidades foram identificadas e as seguintes conclusões e recomendações foram alcançadas:

- Exigir do estado a implementação de um sistema museológico nacional que permita ter uma base para a promoção de diferentes iniciativas, gestão e novas narrativas nos museus, a melhoria das infraestruturas, conservação, museografia, promoção, formação e registo de bens culturais .
- Formar um grupo de assessores especializados em questões jurídicas que gerenciem ante as instâncias necessárias o cumprimento e divulgação das leis, geração de normas e regulamentos, de acordo com as necessidades atuais de salvaguarda do patrimônio cultural e natural.
- Promover o desenvolvimento de fundos para a criação e funcionamento de museus comunitários e iniciativa cidadã; bem como reconhecimento e competitividade no desenvolvimento de conteúdos e narrativas que respondam aos novos desafios e demandas da sociedade.
- Recomenda-se que os museus adotem modelos de gestão corporativa que valorizem as estratégias de marketing, incluindo marketing digital, turismo e gestão cultural, por meio de iniciativas que possam ser replicadas e se tornarem novas fontes de receita para a instituição.
- São valorizados os empreendimentos museológicos que vigoram no modelo de auto sustentabilidade, recomendando aos órgãos competentes: Estados Centrais, Governos Departamentais e Municipais que contribuam com esforços e apoio para sua preservação e funcionamento, favorecendo o desenvolvimento cultural boliviano.
- Recomenda-se que os museus autossustentáveis desenvolvam ações estratégicas de captação de recursos, em torno da cooperação nacional e internacional, fundos de responsabilidade social e geração de recursos próprios por meio de estratégias criativas.
- Criar uma rede de museus articulados através do ICOM Bolívia a nível nacional, com o propósito de trabalhar para torná-los visíveis; rede que também deve manter contato internacional para ser permanentemente atualizada.
- Criar uma plataforma digital para os museus latino-americanos para gerar acesso à informação, experiências, promoção, treinamento e apoio a diferentes iniciativas.

Dado, na cidade de La Paz, em 27 de julho de 2018.